



# UMA ATRIBULADA VIAGEM DO BRASIL PARA PORTUGAL

*Jacinto Rego de Almeida*

Viajava para Lisboa quando olhei pela janela e vi fogo a sair de um motor do avião e a incendiar a asa. Lá embaixo olhei o mar. Parecia calmo devido à grande altitude a que nos encontrávamos. Alarmado, levantei-me e percorri várias fileiras para avisar os passageiros. Não se viam hospedeiras. Falei com um homem à janela, muito bem vestido, apertado no meio das poltronas. Ele olhou para a asa e disse “não se preocupe.” Reparei que calçava uns sapatos pretos muito grandes, nunca vira ninguém com uns pés tão compridos. Voltei a sentar-me no meu lugar.

Pouco depois o avião começou a incendiar-se, a asa caiu e todos nós fomos atirados para o espaço. Enquanto caía, vi o homem com quem falara a ajeitar a gravata e a agarrar-se a uma bela pasta de couro, desamparado de cabeça para baixo. Ele fez-me sinal com um braço levantado enquanto com o outro apertava a pasta ao corpo para não a perder. Pouco depois caí no mar e logo voltei à superfície. Estava um céu bonito, azul claro sem nuvens. Primeiro boiei para descansar, tirei a gravata e depois comecei a nadar. Vi o homem da pasta que gritou “sei nadar muito mal. Não quer dar-me uma ajuda?” Aproximei-me dele e vi-o a tirar os sapatos. “Vou dar-lhe um sapato e você acomoda-se dentro dele,” disse. E assim, numa operação demorada, acomodei-me dentro do enorme sapato e fiquei como se estivesse dentro de um pequeno barco. Era o sapato do pé esquerdo, um couro de boa qualidade, sem atacadores e com uma grande fivela de metal amarelo a que me segurei com unhas e dentes. O mar estava realmente calmo. Remando com as mãos o

homem depois de se enfiar no sapatão do pé direito, aproximou-se de mim. Ele estava pior ajeitado porque era muito mais alto do que eu. Segurava a sua pasta sobre a cabeça para cobrir-se do sol e perguntou-me: “Estou muito despenteado, não estou?” E acrescentou quando chegou perto de mim: “Eu só quero amarrar o meu burro à sombra.” E sorriu como se ambos estivéssemos numa situação confortável.

Depois disse: “Já que não temos nada para fazer, pelo menos enquanto um barco não nos descobrir, vamos conversar para passar o tempo. O que é que acha?” Eu concordei. E então ele, que se revelou um sujeito muito falador, disse que viera de uma cidade de que não se recordava o nome com uma praça central chamada 15 de Novembro, com certeza alguma data histórica do lugar, acrescentou. Nessa praça tinha uma soberba figueira com cilindros de aço para segurar os seus galhos mais extensos. É uma das árvores mais conhecidas do Brasil e olhe que este é um país com muitas e vastas florestas. À noite a figueira fica iluminada. É uma árvore com mais de cem anos, tão grande que cobre grande parte da imensa praça. Eu atravessei a praça ontem à noite, parei para admirar a figueira, ela parecia respirar e senti o respeito das pessoas que a admiravam, acrescentou. Depois parou de falar para molhar a cara com a água do mar: “Está calor, não acha?” E continuou: “Atravessei a praça como lhe disse e andei mais três quarteirões à procura do Fénix. Tinham-me dito que se tratava de um bom puteiro da cidade, você gosta de puteiro? E mais adiante encontrei as luzes. Mas a porta de vidro grosso do Fénix estava emperrada, você já viu algum puteiro com a porta emperrada? Eu nunca tinha visto antes, puteiro tem que ter uma porta de entrada que abra e feche sem problemas, não acha?” Eu concordei. “Tive que empurrar a porta com força e lá dentro, num ambiente escuro, havia uma grande tela de vídeo que passava as imagens, sem som, de um velho filme do Sean Connery e só umas três ou quatro garotas com um aspecto provinciano, pareciam mulheres pouco experientes no ramo. Sentei-me e pedi uma cerveja. Respirava-se um ambiente de cidade de província. Que raio de ideia terem escolhido aquela terreola para a realização do congresso anual. Os congressos deviam ser sempre organizados em cidades grandes, com puteiros decentes, não acha? Uma das mulheres veio sentar-se ao meu lado e disse chamar-se Laura, sou de Navegantes, acrescentou ela. Ora Navegantes é uma pequena aldeia no interior, eu nunca lá fui, mas conheço-a de nome porque é a terra da namorada do meu filho mais velho. Fiquei chateado, mostrei desinteresse e mudei de mesa, fiquei sozinho desejoso de que ninguém mais viesse incomodar-me. Queria beber a minha cerveja descansado. Você gosta de cerveja? Ela estava bem gelada e saborosa. Depois fui à casa de

banho que estava suja, a retrete estava entupida, uma porcaria. E puteiro tem que ter casa de banho limpa, não acha? Eu concordei com um leve gesto de cabeça. “Então voltei a sentar-me na minha mesa”, ele continuou, “e pensei no sambaqui que vira de manhã no museu da cidade, um museu criado por um homem chamado Tiburtius. Tiburtius nasceu em Berlim no fim do século XIX e emigrou para aquela cidade, não me recordo o nome, junto com os seus pais. Quando esse Tiburtius era pequeno em frente à casa onde morava, em Berlim, ficavam as Embaixadas da China e do Sião e ele ajudava a descarregar o conteúdo dos caixotes que chegavam desses países. Caixas de madeira de sândalo com pequenos objectos orientais que o encantavam. E os chineses da embaixada, com as suas longas tranças, guardavam as caixas e agradeciam ao garoto, com muitos gestos, a ajuda que lhes dera. Você está a dormir?” “Não, não, estou só com os olhos fechados por causa do sol, respondi. Ele continuou: Esse Tiburtius devia ser um neurótico, como sabe todos os colecionadores... já adulto, emigrante, tornou-se marceneiro de profissão, um homem com certeza ignorante, eu sempre receei os ignorantes curiosos. Tiburtius passou a colecionar artefactos, encontrados nos campos, de índios aborígenes que se alimentavam há centenas de anos atrás, de pequenos moluscos e caracóis e a descobrir sambaquis na costa, junto às praias, a fazer escavações por conta própria. Fez um primeiro museu nos fundos da sua casa e depois... Você está a dormir?” “Eu não” respondi em voz baixa. Então ele começou a aproximar o seu sapato do meu e começou a balançar o meu sapato, acorde, acorde, gritava. Senão vamos morrer, acorde... e eu acordei do sonho.

Estava no avião, sem os sapatos, a caminho de Lisboa estirado em três poltronas. Levantei-me para esticar as pernas e dirigi-me ao toalete. Junto a uma janela estava sentado um homem com uns grandes pés, sapatos de couro de boa qualidade sem atacadores e com uma fivela de metal dourado. Olhou-me e cumprimentou-me, depois indagou: “Já reparou na turbina desta asa?” e apontou para a janela. “Às vezes parece que está a arder mas é só impressão,” acrescentou. “É só impressão,” respondi e voltei para o meu lugar.

Poucas horas depois chegámos ao Aeroporto de Lisboa.

O sonho deixara-me abalado.

À saída do aeroporto, o dia estava bonito como no meu sonho, o sol resplandecia. Depois de ter caído desamparado no espaço, agora estava a salvo.

No táxi, a caminho de casa, ocorreu-me o livro de José Saramago *Jangada de Pedra*: Portugal e Espanha a separarem-se da Europa e a vagarem pelo Oceano.

O chofer do táxi era um homem de idade, carrancudo, que barafustava em surdina contra o trânsito e as pessoas que atravessavam a rua.

E se o Brasil e Portugal se separassem de seus continentes e depois de ficarem à deriva se encontrassem no meio do Atlântico? – pensei. E se se juntassem, ali, entre a Madeira e os Açores? Como o Brasil é muito grande, o território tornava-se contíguo e poderia ir-se de carro de Ponta Delgada ao Funchal, passando por Boa Vista, Manaus, subir o Rio Amazonas de barco até Belém... E não precisaria de avião. Ri-me.

“De que é que o senhor se está a rir?” – perguntou-me o chofer.